

VACINA CONTRA HPV: O CONHECIMENTO DOS PAIS NA PREVENÇÃO DO HPV EM PRÉ-ADOLESCENTES DA REGIÃO DO ALTO TIETÊ.

Kelli Cristina Gonçalves Ferraz¹, Camila Gonçalves Tomizawa², Celina Hoshino³,
Vanessa Lapa Silva⁴

Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: kelli_ferraz@hotmail.com¹

Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: camilakika12@hotmail.com²

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: cehdion@yahoo.com.br³

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: vanessa.lapa@ig.com.br⁴

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-chave: Imunização, HPV, Adolescentes, Câncer cervical.

INTRODUÇÃO

O HPV é conhecido como uma doença sexualmente transmissível (DST), na qual o vírus pode ser transmitido através da relação vertical durante o parto, por autoinoculação, através roupas íntimas contaminadas, aparelhos ginecológicos e principalmente pela relação sexual anogenital (NADAL, MANZIONE, 2006). O público mais vulnerável ao HPV é o de pré-adolescentes e adolescentes que estão iniciando as práticas sexuais sem métodos de barreira adequados. A vacina produzida será distribuída para pré-adolescentes e adolescentes de 11 a 13 anos (no ano de 2014 para meninas de 9 a 13 anos) que não iniciaram as práticas sexuais. Isso porque a vacina é mais eficaz em indivíduos que não entraram em contato com o vírus, pois são capazes de produzir mais anticorpos com a imunização (SAITO, LEAL, 2007; BRASIL, 2010; PORTUGAL, 2015).

OBJETIVOS: A pesquisa teve como objetivo geral investigar o conhecimento dos pais de adolescentes entre 11 e 13 anos a respeito do HPV e a vacina e o objetivo específico relatar as preocupações dos pais e relação à vacina contra o HPV.

MÉTODO: Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de campo, com abordagem quantitativa, realizado com 76 pais de pré-adolescentes que receberão a vacina anti-HPV na região do Alto Tietê. A pesquisa foi encaminhada para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UMC, e após a autorização do mesmo, sob o numero 28921514.4.0000.5497, a coleta de dados foi realizada através da entrega do Questionário de Caracterização Social e Demográfica e do formulário com questões semiabertas elaboradas pelas pesquisadoras. Os dados foram analisados através de tabulação e demonstração gráfica, a partir das respostas obtidas nos formulários aplicados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Quanto ao grau de entendimento sobre o HPV 65% dos pais referiram pouco ou nenhum conhecimento sobre o vírus e a doença e apenas 9% estavam muito informados. Quanto às formas de transmissão do HPV, 65,8% tinham ciência e 34,2% não. Beserra et al. (2008) analisaram o despreparo da família em relação à educação sexual, citando como fatores relacionados a falta de instrução sobre o tema, a vergonha e a falta de afinidade para se falar sobre este tópico, uma vez que o sexo culturalmente é encarado como tabu. Destacam ainda a importância de que os jovens sejam devidamente esclarecidos, desde a infância, a respeito da sexualidade e

suas vertentes, tendo liberdade quanto à expressão de dúvidas e anseios, para que então a prevenção contra DST e outros agravos seja eficaz. Outro fator relacionado ao grau de conhecimento dos pais é a escolaridade e o nível socioeconômico. No presente estudo, a maioria possuía o Ensino Fundamental Incompleto (44,7%) e era da classe média (56,6%). Holanda et al. (2006) apontam que a condição social e o grau de instrução baixos são fatores de risco importantes para a alta incidência de infecções sexualmente transmissíveis. A baixa escolaridade dos progenitores interfere na comunicação com os filhos, uma vez que dificulta o diálogo acerca da sexualidade e o acesso a meios de informação que favorecem o esclarecimento. Averigou-se também a ciência sobre a vacina anti-HPV, onde 76,3% dos pais aludiram pouco ou nenhum conhecimento. No que diz respeito à orientação que os pais tiveram em relação à aplicação da vacina, 47,4% alegaram ter sido orientados, e 51,3% receberam pouca ou nenhuma informação e apenas 1,3% foram devidamente esclarecidos. Segundo Aligiére (2007) é primordial que a população à qual se destina a vacina anti-HPV e a rede de apoio relacionada aceitem a imunização para atingir os benefícios advindos de sua aplicação, ou seja, não apenas os adolescentes devem conhecer e aceitar a vacina, mas também os pais, principalmente, contribuem para a aceitação e efetividade das ações preventivas. A seguir, inquiriu-se os pais acerca da compreensão sobre os efeitos que a vacina causa, os quais 51,3% afirmaram positivamente e 48,7% não sabem sobre as reações. Este aspecto também é relevante para a adesão à vacina anti-HPV, uma vez que o desconhecimento pode gerar medo e preocupação, colocando em dúvida a necessidade de imunizar-se preventivamente. Segundo Figueirêdo et al. (2013) apesar da possibilidade de eventos adversos, em sua maioria de baixa gravidade, vários ensaios demonstraram a eficácia da vacina frente ao combate dos principais subtipos do vírus, à prevenção de neoplasia intraepitelial cervical, ao desenvolvimento de condiloma culminado e à prevenção de infecção persistente por HPV. Deve-se utilizar então a relação risco-benefício e uma vez que as vantagens são maiores, podem ser usadas a favor dos profissionais para promover a imunização. No que se refere à opinião dos pais se a vacina induz à relação sexual precoce, 72,4% disseram que não e 27,6% afirmaram que induz numa escala de pouco a muito, embasados em sua maioria por motivação religiosa. Tais achados convergem com os estudos de Almeida et al. (2014) os quais demonstraram que 74% dos indivíduos não acreditavam que a vacina poderia incitar a iniciação sexual prematura pelo fato de estar prevenido. Embora esta temática tem fomentado calorosas discussões entre organizações religiosas e de outros setores ao redor do mundo, no que se refere ao parecer profissional da saúde, há recomendação e comprovação da efetividade que a vacina apresenta no combate ao câncer de colo de útero. Uma vez apresentados os benefícios houve satisfação de 81,6% dos participantes em relação à vacina anti-HPV. A percepção de 71,1% dos genitores é de que a população em geral vai aderir ao programa de imunização em suas três fases. Quanto à caracterização da infecção por HPV como um problema de saúde pública, 75% dos entrevistados encaram a situação desta maneira e para 43,4% dos indivíduos haverá repercussão social após a inclusão da vacina no calendário oficial de imunização da criança.

CONCLUSÃO: Os achados deste estudo, sobre o entendimento dos pais a respeito do HPV e as principais preocupações que prenunciam baixa aderência à imunização preventiva, constituem um norte para ações que irão promover não apenas saúde, mas principalmente qualidade de vida aos indivíduos que vivem a fase crítica de transição entre a infância e a fase adulta. Espera-se que esta pesquisa inspire novas investigações visando aprofundar e divulgar esse tema tão importante para as gerações presentes e

futuras, haja vista que embora o vírus e sua patogenicidade sejam conhecidos há muito tempo, a vacina anti-HPV ainda é um método preventivo incipiente, que precisa ser mais bem explorado para que suas vantagens e efeitos sejam consolidados e sua importância reconhecida pelos profissionais e usuários dos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS

ALIGIERE, P. Pais e médicos precisam conhecer e recomendar as vacinas contra HPV. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 53, n. 4, p. 283-292, 2007.

ALMEIDA, F. L.; BEIRAL, J. S.; RIBEIRO, K. R.; SHIMODA, E.; SOUZA, C. H. M. de. A vacina contra o vírus HPV para meninas: um incentivo à vida sexual precoce? *Revista Científica Interdisciplinar*, v. 1, n. 1, a. 3, jul./set. 2014.

BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. C.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência e vulnerabilidade às Doenças Sexualmente Transmissíveis: Uma pesquisa documental. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n. 1, p. 32-35, 2008.

BRASIL, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Informe técnico: Vacina contra o Papilomavírus Humano (HPV). **Divisão de Imunização**, fev. 2015.

FIGUEIRÊDO, C. B. M.; ALVES, L. D. S.; SILVA, C. C. DE A. R.; SOARES, M. F. de L. R.; LUZ, C. C. M.; FIGUEIREDO, T. G.; FERREIRA, P. A. e NETO, P. J. R. Abordagem terapêutica para o Papilomavirus Humano (HPV). **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 94, n. 1, p. 4-17, 2013.

HOLANDA, M. L. de; MACHADO, M. F. A. S.; VIEIRA, N. F. C.; BARROSO, M. G. T. Compreensão dos pais sobre a exposição dos filhos aos riscos das IST/AIDS. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 7, n.1, p. 27-34, Fortaleza, jan./abr. 2006.

NADAL, S. R.; MANZIONE, C. R. Vacina contra o Papilomavirus Humano. O que é preciso saber? **Revista Brasileira de Coloproctologia**, v. 30, n. 2, p. 237-240, 2010.

PORTUGAL, **Sociedade Portuguesa de Ginecologia**. Vacinas contra o HPV: Reunião de Consenso Nacional. Cascais, mar. 2010.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos a Prof.^a Mestre Vanessa Lapa Silva, à Prof.^a Especialista Celina Hoshino.